

Cidadania planetária: nova consciência da arte do bem

Planetary citizenship: new awareness of the art of good living

Marco Aurélio Bilibio Carvalho¹
Regina Stella Quintas Fittipaldi²

Resumo

Esta reflexão quer ser uma contribuição para a cidadania planetária e tem como objetivo chamar a atenção sobre o destino da humanidade, o que exige novos paradigmas na vivência do aqui e agora em conexão com a Terra, a água, as montanhas a biodiversidade, a criação como um todo. Podemos perguntar: tendo bagagens de percepções cosmológicas vastas e profundas, e sendo dotados dos saberes do DNA cósmico que historicamente vêm, em processos, construindo a realidade, sendo ainda membros de uma grande família que perpetua a *sophia mundi*, como conseguimos conduzir a aventura humana em tal nível de desconexão com a teia da vida no complexo da criação? Essa indagação faz parte de um momento de conscientização e de convocação para uma reconexão com o todo, para a sobrevivência humana. Estamos falando de algo que diz respeito a uma das maiores forças: o instinto de sobrevivência. Toda a criação mostra as consequências do desequilíbrio das ações humanas, provocando tragédias ambientais. Urge uma consciência planetária, como nova consciência do viver e conviver hoje.

Palavras-chave

Cidadania planetária. Vida. Água. Terra. Culturas.

Abstract

This reflection wants to be a contribution to planetary citizenship and aims to draw attention to the fate of humanity, which requires new paradigms in the experience of the here and now in connection with the Earth, water, mountains, biodiversity, creation as a whole. We can ask: having baggage of vast and deep cosmological perceptions, and being endowed with the knowledge of the cosmic DNA that has historically come, in processes, building reality, while still being members of a large family that perpetuates *sophia mundi*, how do we manage to conduct the human adventure at such a level of disconnection from the web of life in the creation complex? This inquiry is part of a moment of awareness and a call for a reconnection as a whole, for human survival. We are talking about something that concerns one of the greatest forces: the survival instinct. All creation shows the consequences of unbalanced human actions, causing environmental tragedies. A planetary awareness is urgently needed, as a new awareness of living and living together today.

Keywords

Planetary citizenship. Life. Water. Land. Cultures.

¹ Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB. Bacharel em Psicologia pela UnB. Professor do Instituto Superior de Educação (ISEO). Contato: marcoaureliobilibio@gmail.com.

² Especialista em Gestão Ambiental em Cidades pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em Ecovilas – Assentamentos Humanos Sustentáveis pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Arquiteta e Urbanismo pela UnB. Pró-reitora de Meio Ambiente da Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ). Contato: reginafittipaldi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Quando os primeiros pingos tocam o chão de terra vermelha, precedidos pelo vento forte que, arrastando folhas secas, anuncia a chegada das primeiras chuvas depois de longos meses de estiagem, o ar fica inundado de um perfume único e inefável! Perfume que sobe da terra, que preenche os espaços, os corpos, os rostos das pessoas que não conseguem conter sorrisos de celebração e alívio, pois as gotas de chuva em sua música encantadora declaram abertamente: a vida segue!

Esse é um fato que ocorre todo ano em meados de setembro, no planalto central do Brasil para os povos do bioma cerrado, em que há duas estações claras: das águas e das secas. As cigarras conhecem esse ciclo e são como arautos da chegada das chuvas, enchendo o ar com seu som sibilado dias antes, assim como prenuncia o maravilhoso canto dos sabiás. Na cidade de Brasília, por exemplo, com a chegada das primeiras chuvas – ansiado evento – as pessoas trocam mensagens, fotos e vídeos, compartilhando pelo *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, com registros da cena ardentemente desejada depois da árida estação da seca. Gestos que, exaltando a chegada das águas, fazem ecoar pelos ares: vida que segue!

Em seguida, o ritmo do cotidiano prossegue e todos se voltam para seus afazeres e atividades, confiantes de que – ainda bem – a natureza segue fluindo os processos em seus ciclos, estações e fenômenos.

Com as ações antrópicas rompendo equilíbrios dinâmicos da natureza e o advento das mudanças climáticas, estamos assistindo grandes transformações nas regiões de outros biomas brasileiros, inclusive em regiões onde a umidade e as chuvas eram constantes. Nos noticiários, ampliam-se as matérias sobre as situações dramáticas dos córregos, represas e barragens em todo o país, denunciando – por meio da água – que a humanidade deverá reverter as bases da relação ser humano e natureza.

A água, a senhora água, começa a se fazer ouvir em outra oitava, ou em outro tom: aquele que desperta até mesmo os desatentos, aquele que desestrutura até a empáfia dos que fazem ouvidos de mercador, para uma compreensão necessária e fundamental: a essencialidade e a centralidade da água.

Na verdade, toda a natureza está expressando o profundo desequilíbrio que as ações humanas estão provocando sobre o meio ambiente, a exemplo da gigantesca nuvem vermelha de terra e fuligem que percorreu quilômetros no estado de São Paulo em outubro de 2021, envolvendo campos e cidades e chegando até o Mato Grosso do Sul, denunciando o impacto do desmatamento das florestas e campos para a agricultura. Momento, sem dúvida alguma, de fortes aprendizados.

Talvez algum incauto que chegasse por essas bandas terrenas, vindo de alguma esquina distante da galáxia, e por acaso tendo visto o nosso sistema solar onde a Terra, mãe generosa – em seus tons de branco, azul profundo e verde – espirala com Mercúrio, Vênus, Marte, Saturno, Urano, Netuno e Plutão em torno do Sol, certamente se surpreenderia ao constatar que uma

única espécie em meio a milhares – os seres humanos (do latim *humus*, “filhos da terra”) – que se formam dentro da água, manifestados em corpos formados por 70% de água, não demonstram relações de reverência e cuidado para com a teia de relações da natureza. E talvez esse visitante das estrelas perguntasse: quem são, afinal, esses seres que comprometem em níveis limítrofes a integridade dos elementos primordiais, que de acordo com a compreensão hinduísta, assim como na visão taoísta se expressam sintetizando os cinco elementos – fogo, água, madeira, metal e terra – que constroem o pentagrama também presente nas tradições do sagrado feminino, e desencadeiam o desequilíbrio do sistema complexo e histórico que lhes permite viver?

A sociedade humana contemporânea está sendo intimada a revisitar as bases dos princípios e valores que norteiam sua presença na Terra, para que uma ética de reverência e cuidado possa acontecer na relação entre seres humanos e toda manifestação da natureza, já que eles são natureza.

A água é um dos elementos essenciais presentes nas diferentes manifestações da vida e da realidade tal qual a percebemos. Falar de um novo *ethos* nas relações entre a humanidade e a água traz implicitamente a consideração de que deve haver outras e novas bases da relação *ser humano-natureza*, pois a água se encontra sempre presente, manifestada majestosamente em qualquer uma das suas múltiplas faces. Desse modo, qualquer referência à biodiversidade ou às múltiplas manifestações do mundo natural subjaz na realidade da água como presença, reforçando-se assim a sua essencialidade para a vida.

Um aspecto primordial a ser considerado é o fato de que a comunidade-vida não pode continuar a ser compreendida priorizando mais as pessoas e as suas necessidades apenas, o que vem caracterizando a era antropocêntrica. Há observâncias a serem consideradas como pressupostos de convivialidade, para que haja o resgate de uma relação de pertencimento e que a auto-organização orgânica da teia da vida possa acontecer como vem ocorrendo há pelo menos quatro bilhões e meio de anos, quando uma rocha foi captada pela atração de uma estrela e, desenhando um elegante movimento elíptico a cerca de 107 mil km/hora, iniciou a formação do que temos como Terra, a nossa casa comum.

Precisamos percorrer alguns pressupostos para a contextualização do momento que merecem ser pontuados, para a compreensão de alguns cenários que nos trouxeram a esse momento, e aqueles que podem ser basilares para a jornada de transformação que a humanidade precisa percorrer.

1 COSMOS: REFLEXÕES SOBRE A NOSSA ORIGEM

O primeiro pressuposto a ser enunciado é que temos uma origem comum: é preciso conhecer e reconhecer as cosmologias em sua riqueza e diversidade. Uma origem que nos integra, a todos, em um pertencimento profundamente espiritual e extraordinariamente belo e complexo. A respeito deste referencial, Mircea Eliade declara que “a manifestação do sagrado

funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência e onde, portanto nenhuma *orientação* pode efetuar-se, a hierofania revela um ‘ponto fixo’.” (ELIADE, 1992, p. 26, grifo do autor) E mais adiante, prossegue o autor: “a descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o centro – equivale à criação do mundo” (ELIADE, 1992, p. 26). Na percepção de Eliade, a revelação de algo sagrado θ tem seu contraponto na experiência profana (do latim, *pro fanus*, “aquilo que está diante, ou fora do templo”).

Somos filhos e filhas do estabelecimento de conexões e processos criativos da vida – experimentando-nos, recriando-nos, ressignificando-nos. Filhos e filhas de um processo evolucionário cooperativo, interativo, integrativo, regenerativo. Como traz Fritjof Capra, “a compreensão sistêmica da vida reconhece que a ordem, a auto-organização e a inteligência manifestam-se em todas as partes do mundo físico, e como já vimos, essa [ideia] é completamente coerente com uma concepção espiritual da vida.” (CAPRA, 2006, p. 131).

A origem do universo, tal qual o percebemos e pelos conhecimentos gerados até o momento pelas pesquisas científicas, data de intervalos que nos falam de bilhões de anos: algo entre 13 e 15 bilhões. Já que o momento encerra todo um processo histórico de relações, é interessante reportarmos-nos a esse passado distante para considerar que o resultado desse processo se traduz em expressões de possibilidades extraordinárias. A Terra surgiu das danças entre caos e ordem que movimentavam a vastidão do espaço. As diferentes cosmovisões, nas diversas culturas e religiões, traduzem-se ao longo de civilizações nas relações das comunidades com a natureza e a vida.

Para os povos originários andinos “tudo tem vida”. É o fundamento do *bien vivir*, visão de mundo que nos idiomas aymara e quechua se expressam como *suma qamaña* e *sumak kawsay*. *Pachamama* é a tradução dessa cosmologia para expressar as forças cósmico-telúricas que interagem para expressar o que chamam vida, como uma totalidade visível. De acordo com Fernando Huanacuni Mamani, *pacha* é um termo plurissignificativo e multidimensional.

Para os povos originários a vida está ligada à Mãe Terra; portanto o direito fundamental é o direito à “tierra y territorio”, porque não se concebe a vida separada da relação com Pachamama, e pachamamas são todos os seres (a montanha, o rio, a árvore, o inseto etc.). Desta profunda compreensão espiritual nós, os povos originários, mantemos a luta por terra e território, como parte da reconstituição da cultura da vida. Essa consciência se converte em sabedoria, e essa sabedoria tem sendo transmitida de geração em geração. (MAMANI, 2010, p. 63).

Para os povos pertencentes à Nação Dené, cujo território ancestral integrava desde o norte do Alasca até o sul do Arizona, e atualmente se encontram em Saskatchewan, no norte do Canadá, eles têm como princípio “respeitar a vida é respeitar a Mãe Terra, porque estamos unidos profundamente a ela; convivemos com o bosque, que é trata-se de uma das mais significativas fontes de equilíbrio do mundo” (MAMANI, 2010, p. 96).

Os povos mapuche, originários do Chile, possuem uma visão de *totalidade*, na qual concebem os seres humanos, a natureza e o sagrado como uma unidade diversa em permanente busca do encontro com *el bien vivir*.

No Brasil, são vastas as cosmovisões dos povos originários das múltiplas etnias – baniwa, pataxó, gavião, tukano, matis, baré – dentre tantas e de tanta riqueza cultural e de visão de mundo. Expressam na realidade, na forma de estabelecer as suas relações com seus territórios, as suas cosmovisões.

Trago aqui a dos povos guarani m'byá, que expressa poeticamente o seguinte: “Foi Maino, o colibri desdobrado em flor e beijo, quem alimentou Ñanderu tenondé, quando cansado. Maino, o pequeno, alimentou Ñanderu, aquele que se desdobrou agigantando-se no infinito para se tornar eterno” (GUARANI M'BYÁ, 2018, p. 4).

Daniel Iberê Guarani M'byá, em seu trabalho intitulado *Sobre palavras e parentes*, complementa a extensão dessa manifestação de eternidade:

Somos parentes de tudo o que vive e pulsa... Somos parentes de tudo o que flui. De tudo o que se desdobra, somos parentes. O gavião é parente da serpente que se enrodilha, como se de si se desembainhasse. O sopro do vento névoa, pelos ares formando, são as palavras formosas de nossos avós. Somos parentes dos que na água vivem junto de Jasuká Sy Eté, mãe primeira, tataravó que vemos. Somos parentes dos mortos e das montanhas, parentes de Ñamandu, cujo coração é o sol, tataravó deste sol que vemos (GUARANI M'BYÁ, 2018, p. 7).

O significado da criação do mundo nas diferentes cosmologias amplia e relativiza o modo de ser e estar no mundo. A rica diversidade cultural e religiosa (do latim *religare*) é determinante das relações que se estabelecem entre a Fonte ou a Origem, e as manifestações que na Terra expressam a presença do caráter sagrado de todas as coisas, em uma postura de reverência e respeito a essas manifestações. Assim, para povos que percebem o caráter sagrado manifesto na água, por exemplo, esta é uma alteridade, possui um valor intrínseco, é um *sujeito*. Nas religiões de matriz africana, é a própria expressão sagrada em Mamãe Oxum e Yemanjá, por exemplo. Para os povos que citamos acima, seguindo no exemplo da água, a relação de reverência fundada em cosmovisões que estabelecem posturas e comportamentos de cuidado e profundo respeito. E por extensão, para toda a manifestação da natureza, desvela-se igualmente a veneração das alteridades em sinergia, preservando assim a dialética da integridade sagrada da criação.

Para a sociedade consumista e mercadológica, no entanto, parece ser crucial alimentar a visão de um mundo dessacralizado. Pois neste, todas as manifestações são *coisas*, expressões contidas em definições utilitárias, desprovidas de outro significado senão aquele de gerar lucro, trazer ganhos imediatistas, mesmo que estes tenham um custo futuro que comprometa o equilíbrio dinâmico e sistêmico que, em relações dinérgicas e harmoniosas, garantem espaço para as condições de sobrevivência dos diferentes ecossistemas. Na verdade, a crise ecológica

advém justamente dessa ruptura das relações de pertencimento entre humanos e a natureza. No dizer de Seyeed Hossen Nasr, essa ruptura é geradora de profundos conflitos:

Os domínios da natureza tornaram-se uma “coisa” desprovida de sentido, e ao mesmo tempo, o vazio criado pelo desaparecimento deste aspecto vital da natureza humana continua a viver no íntimo da alma dos homens, algumas vezes violenta e desesperadamente (NASR, 1968, p. 18).

A desconexão entre a força simbólica e reverente das cosmologias, que remetem o ser humano a referenciais que enaltecem a sofisticação do processo de geração da vida no universo e na Terra – ainda que estejam presentes evocações tenebrosas e impactantes – e o *modus vivendi* contemporâneo em relação à própria vida expressa na natureza é uma ruptura que engendra o que assistimos em patologias, desajustes e desigualdades sociais e ambientais gritantes, caracterizando posturas que transparecem a ética da exclusão.

A Ecopsicologia reforça esses aspectos, trazendo que no mais profundo da *psyché* humana está o inconsciente ecológico. O registro de todo processo evolutivo do qual emergimos. A repressão do inconsciente ecológico estaria na raiz da alienação do nosso tempo em relação à desconexão da humanidade com a natureza e com as raízes culturais. Segundo a psicóloga Cristina Arruda Albuquerque (2008, p. 2-3), “gerando tanto os comportamentos destrutivos que devastam o meio ambiente e os seres vivos que dele dependem, como também grandes males psíquicos cada vez mais comuns em nossa sociedade, tais como a depressão”.

As culturas humanas são vastas e múltiplas, assim como as cosmogonias, implicando em uma possibilidade de ressignificações e transformações que abrem espaço para que a liberdade criadora e criativa do ser humano possibilitem, com base nos saberes das tradições espirituais que ele possui nas células e na sua memória ancestral, o resgate do encantamento para a experiência de uma convivialidade harmoniosa e solidária com a teia da vida que lhe permite a existência, e de que – sendo filha de caos e ordem – a humanidade guarda no DNA da resiliência, da *sophia mundi*. Segundo Pierre Weil (1993 p. 26), “esse esforço começa a se fazer necessário porque a crise de fragmentação chegou a limites extremos e ameaça a sobrevivência de todas as formas de vida sobre a Terra”. Podemos dizer que o resgate dos saberes ancestrais no encontro com os conhecimentos contemporâneos das ciências, da Filosofia, das artes e da intuição, pode significar a necessária abertura para a conexão com novos patamares de relacionamento entre o ser humano – filho da natureza, e a própria mãe natureza – e desta forma superar a crise de fragmentação que lhe subtraiu a compreensão de uma herança de experiências que remonta cerca de 15 bilhões de anos.

No dizer de Leonardo Boff, está-se impondo uma nova cosmologia, que integra a espiritualidade com a ciência – por intermédio da Física Quântica, da Biologia e da Psicologia Transpessoal. “A espiritualidade e a ética, feitas dimensões da subjetividade, e não mais monopólio das religiões e das normas de controle dos costumes sociais podem desempenhar a

função de matrizes geradoras de um novo paradigma civilizacional, hoje de dimensões planetárias” (BOFF, 2000, p. 31).

A herança do processo de experiência da vida, em suas inter-retro-conexões, desde os primeiros tempos, pode também ser compreendida como uma benção, um *bene dicere* desde a Origem, na experiência do reconhecimento de ser a humanidade parte da construção do universo, tal como o conhecemos. Essa benção, expressa com a poesia de Rabindranath Tagore, evoca um extraordinário potencial a se desvelar:

Fizeste-me sem fim, pois este é o teu prazer.
Vives esgotando esta taça frágil
e enchendo-a sempre de vida fresca.
Levaste por montes e vales
esta pequena flauta de cana,
e soprando-a,
atravessaste-a de melodias sempre novas.
Ao toque imortal das tuas mãos,
o meu pequeno coração esquece os limites da alegria
e cria inexprimíveis expressões.
Teus dons infinitos vêm a mim
apenas sobre essas minhas tão exíguas mãos.
Passam os tempos,
vais vertendo sempre,
e vai havendo sempre o que encher. (TAGORE, 2005, p. 5).

2 TERRA: REFLEXÕES SOBRE A TEIA DA VIDA

Um segundo pressuposto que precisamos aprofundar é o reconhecimento de que a Terra é nossa mãe, de quem somos todos filhos e filhas. Ela gerou e sustenta a comunidade terrena, em uma linhagem extraordinariamente diversa, expressões de complexos processos onde a vida se cria e se recria. Notáveis astrofísicos e biólogos como Humberto Maturana, Francisco Varela, James Lovelock, Mergullis, Sathouri, Swimme e Berry, entre outros, sustentam que a Terra é um superorganismo vivo. E que toda manifestação que percebemos emergiu de processos em que a vida engendra toda a diversidade objetiva e subjetiva que se faz presente. “[...] então a Terra é portadora de subjetividade, de direitos e de relativa autonomia, tanto ela quanto os ecossistemas que a compõem. Há a *dignitas Terrae*, a dignidade da Terra que reclama respeito e veneração” (BOFF, 2004, p. 125).

“Tudo muda, tudo afeta tudo, tudo é um todo” (RIBEIRO, 2009, p. 16). Esse é o conceito de totalidade basilar da visão holística onde “o todo é uma síntese ou uma unidade de partes, tão juntas (intricadas) que o todo afeta as atividades e as interações daquelas partes, imprime nelas um caráter especial e as faz diferentes do que foram antes da combinação devida de cada unidade ou síntese. Esse é o elemento fundamental do conceito de todo”, afirmou Jan Smuts (1926, p. 122), referindo-se à interconectividade e a interdependência da vida. Assim, o todo que percebemos e tudo estão continuamente em processo de vida-morte-vida, que acontece desde que a Terra passou a desenhar um padrão elíptico em torno do nosso sol, há pelo menos

4,5 bilhões de anos. De lá pra cá, a vida vem tecendo a realidade terrena, da qual surgimos como humanos, em que vulcões incandescentes e oceanos escaldantes e ácidos dos tempos primitivos foram os berçários do que vemos no milagre dos beija-flores, das estrelas-do-mar, no canto e voo dos sabiás e bem-te-vis, em você e em mim, em nossos filhos e nas gerações que hão de vir.

Biodiversidade é o nome da realidade possível e realizável que percebemos. Ignorar esse dado de realidade tem sido um dos aspectos cruciais e dramáticos que nos trouxe aos desafios do momento. Não podemos jamais esquecer que esse instante é possível, porque uma rede de relacionamentos e interdependências vem sendo fortalecida por um equilíbrio dinâmico e sistêmico entre todos os seres vivos em uma relação dialógica com as águas, as terras, as montanhas e os minerais, o calor, a luz e o ar que respiramos em um grande encontro da vida, pela vida e para a vida.

A grande fraternidade dos filhos e filhas da Terra vem sendo conspirada pela vida há bilhões de anos, e continua em processo. Somos um todo de vida, como nos trazem Maturana e Varela (1984), referindo-se a uma ancestralidade comum a todas as manifestações de vida na Terra, que inclui a humana. E que a nossa descendência retrocede no tempo em mais de três bilhões de anos de ancestrais muito diferentes, porque todos temos compartilhado no processo evolucionário da vida, uma mesma origem. Nessa perspectiva, para fazermos um contato efetivo e profundo com a existência humana como espécie e seu pertencimento à teia da vida, é preciso reconhecer os processos que tornam os seres vivos em seres históricos.

Considerar esse fato reforça a biofilia e a consciência de pertencimento, porque forçosamente temos que nos reconhecer como seres históricos. Seres que resultam de imbricadas relações entre células ancestrais e primitivas que ainda hoje se fazem presentes, em outros corpos, em outros reinos, e que seguirão em novas experiências de ser. Isso porque a teia da vida inteira movimentada-se, dança entre conexões e interconexões, expandindo-se e contraindo-se como em uma respiração no macro e no micro, pulsando, recriando-se, reinventando-se, preservando-se através das mudanças.

A noção de Gaia – a Terra como uma realidade de sistemas em transformação – surgiu por volta de 1970. Apenas na *Declaração de Amsterdã* em 2001 é que os cientistas declaram-na uma entidade autorreguladora. James Lovelock, um dos pais da teoria de Gaia, assim afirma:

Chamo Gaia de um sistema fisiológico porque parece dotada do objetivo inconsciente de regular o clima e a química em um estado confortável para a vida. Seus objetivos não são pontos fixos, mas ajustáveis a qualquer meio ambiente atual e adaptáveis às formas de vida que mantenha. Temos que pensar em Gaia como o sistema completo de partes animadas e inanimadas (LOVELOCK, 2006, p. 27).

Nossa Terra – Gaia – como chamavam os gregos, em referência à deusa, é um organismo vivo. A mãe generosa que nos acolhe para a extraordinária aventura humana. É dela que herdamos o DNA que integra os elementos da natureza. Integra, por meio dos elementos

bio-físico-químicos, os processos que desencadearam toda a vasta biodiversidade que se expressa na objetividade direta dos seus elementos e na subjetividade que subjaz em toda expressão de vida, relativizando-se nos diferentes reinos da natureza.

Podemos nos perguntar: tendo bagagens de percepções cosmológicas vastas e profundas, e sendo dotados dos saberes do DNA cósmico que historicamente vêm, em processos, construindo a realidade, sendo ainda membros de uma grande família que perpetua a *sophia mundi*, como conseguimos trazer a aventura humana a tal nível de desconexão com a teia da vida no mundo contemporâneo?

Essa é uma reflexão que precisa fazer parte desse momento, dessa convocação de reconexão para a sobrevivência humana. Estamos falando de algo que diz respeito a uma das maiores forças: o instinto de sobrevivência.

3 DESAFIOS DA JORNADA HUMANA

Ao longo da experiência humana em suas diferentes fases evolucionárias, que sabemos iniciou-se há alguns milhões de anos, registros históricos apontam diferentes modos de ser e estar que percorrem desde os caçadores coletores dos primórdios, passando por diferentes momentos até o tempo presente. Não é nosso propósito aqui nos determos em etapas históricas dessa jornada. No entanto, para que possamos estabelecer uma avaliação crítica sobre o momento atual, é necessário trazer – ainda que sucintamente – que os desafios do nosso tempo têm origem na etapa evolutiva de nossa jornada no século XVII, com o pensamento cartesiano, que na sequência de um tempo negacionista, aflorou para reverter um cenário de absoluta negação da razão, surgindo como a oportunidade para o pensamento científico.

Ocorre que, se de um lado nos abrimos para desvelar a inteligência e a sagacidade humanas por meio do aprender, do fazer, das descobertas científicas, por outro acabamos por resvalar em outro polo negacionista: a negação da subjetividade. A dominação da natureza passa a ser uma meta, a intervenção cartesiana faz com que espírito e matéria fiquem completamente separados. Naquele momento, o domínio da ciência foi a “matéria”. A “matéria” era uma *coisa*, completamente desprovida de qualquer aspecto ontológico que não fosse exclusivamente a quantidade.

Podemos dizer que o racionalismo do século XVII é a base inconsciente de todos os pensamentos, iniciativas, comportamentos de parte da humanidade. Especialmente o segmento da sociedade que vem dominando, determinando rumos, principalmente os aspectos econômicos e os sociais, já que a natureza e o meio ambiente reduziram-se a *coisas*. Importante pontuar que redutos de resistência preservam – ainda que sob intensa pressão – os seus saberes e modos de vida e por isso seguem como guardiões da natureza, tornados sacrários dos conhecimentos tradicionais.

Como parte desse todo materialista e desprovido de alma, o ser humano também dessacralizou-se diante do cenário que assumiu a proporção de um deus onipresente. Passou a

ser apenas uma criatura a serviço do consumo, do lucro e da construção de uma realidade que tem explorado e dominado as riquezas da Terra.

O mundo deixa de ser sagrado para ser profano e a dicotomia, a separatividade invadiram o pensamento e o jeito de agir humanos, e o homem passou a olhar o mundo como o outro, o desconhecido, o que deve ser domado e se esqueceu que, como todas as outras coisas, ele é também uma coisa, filho da Terra, feito de terra, água, fogo e ar. Rompeu-se a totalidade existencial e operativa, o todo foi dividido em partes e as partes tomaram a pretensão de dominar o todo. A matéria se sobrepõe ao espírito, o universo se paganiza, perde o sentido original das coisas, a espiritualidade que é uma condição humana, passa a ser coisa de iniciados (RIBEIRO, 2009, p. 56).

Ocorre que o ecossistema humano se vê submetido a regras de mercado, um sistema voraz instalado dentro do ecossistema humano, que coloca cada um de nós dentro de um carrinho de supermercado sob as luzes ilusórias de uma mídia que nos faz acreditar que esse seria um caminho possível para a felicidade. O estado de “felicidade” é a figura, na “sociedade do espetáculo”, mas no dizer de Debord:

O espetáculo não esconde que alguns perigos cercam a ordem maravilhosa que ele estabeleceu. A poluição dos oceanos e a destruição das florestas equatoriais ameaçam a renovação de oxigênio na Terra; a camada de ozônio não suporta o progresso industrial; as radiações de origem nuclear se acumulam de modo irreversível. O espetáculo conclui que isso não tem importância. Só está preocupado em discutir datas e doses. Com isso ele consegue tranquilizar; coisa que um espírito pré-espetáculo teria considerado impossível (DEBORD, 2011, p. 193).

Na verdade, esse ditador interno ao sistema, coloca toda a Terra na perspectiva de uma rota de colisão a serviço de um sistema econômico desequilibrado, gerando realidades sub-humanas, criando legiões de refugiados do clima e das guerras, guetos perversos de fome, colocando milhares de seres humanos em total estado de precariedade e vulnerabilidade. O mesmo vetor destrutivo se estende às demais espécies e manifestações da natureza.

Porém, no processo dialético das transformações, diante dos cenários que fomos construindo com essa visão da ciência racionalista e positivista nascida do século XVII, emergem vozes que ecoam alertas para esse rumo do conhecimento e as práticas dele decorrentes, no sentido de demandar o compromisso de adotarmos uma postura aberta que nos traga novas visões e outros paradigmas, como pontua Edgard Morin:

De fato, o enriquecimento do nosso conhecimento sobre o universo desemboca no mistério da sua origem, seu ser, seu futuro. A natureza do tecido profundo da nossa realidade física esquiva-se no mesmo movimento em que a entrevemos. Nossa lógica agita-se ou desnorteia-se diante do infinitamente pequeno e do infinitamente grande. [...] perdemos o trono de segurança que colocava o nosso espírito no centro do universo: aprendemos que somos, nós cidadãos do planeta Terra [...]. O progresso das certezas científicas produz, portanto, o progresso da incerteza, uma incerteza “boa”, entretanto, que nos liberta de uma ilusão ingênua e nos desperta de um sonho

lendário: é uma ignorância que se reconhece como ignorância. (MORIN, 2010, p. 24).

4 TRANSFORMAÇÕES À VISTA

No afloramento das novas possibilidades, que se apresentam cada vez mais evidentes, assistimos a um movimento crescente em que o saber e o fazer científicos se abrem para uma perspectiva de convergência entre a objetividade e a subjetividade, entre a efetividade e a afetividade: Maturana nos brinda com *A biologia do amor*, a física quântica traz outra percepção entre observador e observado. Estaríamos de fato construindo um novo modelo paradigmático?

A espécie humana em seu processo civilizatório nesse momento apresenta outros e recentes sinais de rebeldia diante do sistema vigente. Inúmeras iniciativas criativas esboçam movimentos transgressores ao poder econômico dominante. A pandemia da COVID-19 provoca um abalo nas estruturas de poder e nas estruturas econômicas que se julgavam onipotentes e onipresentes.

Vozes contrárias ao sistema ecoam por toda a parte, o que pode ser um forte indicativo de que estamos despertando de um estranho sono que nos fragmentou. Evidencia-se que estamos avançando nas transformações, mas há ainda muito a fazer, e a caminhada implica, no reconhecimento de que:

A crise [da subjetividade] existe, não é modismo e nem é passageira, e só pode ser superada através de muito debate, reflexão, estudo e da construção de uma nova espiritualidade, novas práticas e novas teorias. Trata-se de buscar os meios, inclusive pastorais, para construir uma subjetividade articulada na história e que se dá nesta, superando uma subjetividade construída em oposição à história ou desvinculada desta (ANDRADE, 2004, p. 119).

A *Conferência da ONU sobre Mudança Climática* de 2021 (COP 26) traz dramaticamente em seu relatório de abertura que as iniciativas de reversão dos impactos das mudanças climáticas são muito tímidas, e que estamos diante de potenciais catástrofes. Manifestações acontecem em vários países; pessoas nas ruas assumem a consciência da gravidade da situação e pressionam os governos. A comunidade se manifesta, provoca mudanças de atitudes e padrões de comportamento, exige novas posturas das políticas públicas.

O futuro que aspiramos nessa convivialidade de pertencimento à Terra insiste em nos convocar: a humanidade de seres humanos, com seus dons de liberdade e de outras graças e heranças evolucionárias podem romper as grades de um sistema impeditivo e frio. É importante nos darmos conta de que a realidade está sendo criada por nós, humanos, ela é a expressão civilizatória de um momento da sociedade humana, porque a criamos assim. Podemos recriá-la?

Urge decidirmos rumos e ações, pois nosso futuro depende dessas escolhas, de realizar as mudanças para um futuro comum para a humanidade. Como lembra o físico Carl Sagan:

Nossas atitudes, nossa pretensa importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no universo, tudo isto é posto em dúvida por esse ponto de luz pálida. O nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica circundante. Em nossa obscuridade, no meio de toda essa imensidão não há nenhum indício de que, de algum outro mundo, virá socorro que nos salve de nós mesmos. A Terra é, até agora, o único mundo conhecido que abriga vida. Não há nenhum outro lugar, ao menos em futuro próximo para onde nossa espécie possa migrar. Visitar, sim. Goste-se ou não, no momento a Terra é nosso posto. (SAGAN, 1996, p. 31).

5 A ARTE DE PERTENCER

Um terceiro pressuposto sobre o qual urge refletir é sobre os direitos humanos em relação aos direitos da natureza e todas as manifestações da teia da vida que – assim como os humanos – guardam os mistérios objetivos e subjetivos do processo evolucionário. E esse arcabouço complexo implica, em última instância, no reconhecimento pelos filhos e filhas dos direitos da sua Mãe Terra.

Seres humanos formam uma realidade complexa que envolve aspectos físico-químico-biológicos, dotados de *psyché*, sensíveis e emotivos e que sintetizam na sua experiência existencial a manifestação espiritual – do latim *spiritus*, o que significa “sopro” – que no contexto, consideraremos como a energia primordial, atemporal, ontológica do universo. Surgiu evolucionariamente, de um resultado dialógico de grande complexidade. Portanto, para que haja um projeto existencial humano, é primordial reconhecer que estamos falando de um espécime – o humano – que não vive ou sobrevive sem outras realidades da Terra, como a das plantas, das florestas, dos manguezais, pampas, pantanais ou do cerrado, dos animais, sejam mamíferos como nós ou insetos, aves, répteis, anfíbios ou peixes. As gentes nesses biomas formam um todo de vida, indissociável e complementar com a realidade.

Assim, a sociedade-humanidade neste momento de desafios à vida deve reconhecer-se como humanidade não apenas de homens e mulheres – que aqui chamamos de humanidade humana. Essa é uma percepção reducionista, resultado de um distanciamento construído que nos trouxe a uma visão desconectada do todo ao qual pertencemos e somos resultado também: a teia de interdependência entre todos os seres. Construímos uma era, na verdade, a era do antropoceno, em que os seres humanos passaram a se julgar o centro de tudo. A sociedade – humanidade é a humanidade – húmus, vinda da Terra. Pertencente à grande família dos filhos e filhas da Terra, mãe generosa – *Pachmama* – que estrutura, acolhe, desenha e mantém a identidade dos seres terrenos. Da próxima vez que você olhar para o céu estrelado à noite, pense que – vistos do espaço – somos também um pontinho brilhante de luz. Um todo de luz azul nesse momento tentando resgatar os padrões de convivialidade entre os seres que fazem dele um organismo vivo.

Onde está a vida que perdemos ao viver? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação? [...] Que vida você tem se não tem vida conjunta? Não há vida que não seja em comunidade, [...] quando o Estranho diz: “Qual é o significado desta cidade? Vocês se amontoam porque se amam?” O que você vai responder? “Todos moramos juntos para ganhar dinheiro uns com os outros”? Ou “esta é uma comunidade”? Oh, minha alma, esteja preparada para a vinda do Estranho. Esteja preparada para aquele que sabe fazer perguntas. (ELIOT, 1963 apud WAHL, 2016, p. 33).

Thomas Stearns Eliot, nesse poema, faz uma convocação: para que tenhamos a coragem e a ousadia de questionar nossos axiomas, dogmas e pré-concepções do que venha a ser pertencer à comunidade de vida. A convocação é para a essência, para a alma – espaço do ser que integra a multiplicidade de possibilidades de compreender e sentir.

Na linha do reconhecimento do que seria uma sociedade planetária que integrasse harmoniosa e respeitosamente os *direitos*, é necessário um exercício de sair do casulo antropocêntrico e reconhecer que o ecossistema humano é um ecossistema entre ecossistemas.

Ocorre que o desenho das gentes no ecossistema contemporâneo se apresenta majoritariamente urbano, em escala global. Agregamos-nos em cidades e a perspectiva, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas, é que até 2025 mais de 85% da humanidade-pessoas esteja vivendo em cidades. É bem verdade que estudos recentes mostram uma movimentação inversa a partir das cidades de volta para o campo. Mas os dados ainda não são consistentes. O fato é que no Brasil, atualmente, mais de 80% da população se organiza em núcleos urbanos. Isso é um dado de realidade que demanda muitos cuidados. Enquanto ecossistemas de outros seres se organizam na observância de uma relação que integra bioma, clima, população e suas necessidades em uma perspectiva sustentável, o ecossistema humano-cidades se mostra insustentável: externamente é gerador de impactos sobre outros ecossistemas nos quais despeja seus resíduos, não gera seu próprio alimento, consome água e a devolve servida e cheia de poluentes, e internamente mostra-se gerador de violência, insegurança e solidão.

6 CIDADANIA PLANETÁRIA: DIVERSIDADE EM HARMONIA

Vivemos um momento planetário em que nos transformamos em uma rede de comunicações em tempo real, na qual se pode acessar realidades longínquas e distantes. Esse fato pode ser uma fonte extremamente positiva de expansão do conhecimento de si e do outro, na medida em que conhecimentos e experiências podem ser compartilhados. Mas pode também ser pernicioso, na medida em que pode provocar, como na verdade estamos vendo, a massificação e até o desaparecimento de práticas e saberes tradicionais que são substituídos por modismos e acabam por subtrair a força de culturas. Por isso a importância da máxima: *pensar globalmente, agir localmente*.

Seres humanos, não são passageiros da nave Terra, como tentaram nos fazer acreditar, somos a própria Terra, nesse momento vivendo uma crise de valores e questionamentos, com a perspectiva de expandirmos nossas consciências em experiências de ousadia e criatividade. Esse DNA e outros, como a resiliência e a cooperação, nós os herdamos de nossa Terra mãe. São atributos impressos em cada filho e filha da Terra. São seres de razão, sensação, sensibilidade e intuição. Esse aspecto subjetivo e profundamente espiritual é essencial para que a inteireza do ser manifeste-se em plenitude na condição humana.

A cultura da sustentabilidade passa igualmente por esse valor: o de reconhecermos nas comunidades aquilo que lhes é uma característica, uma identidade e fortalecer seu potencial para que frutifique, e para que seus cidadãos e cidadãs possam se expandir para a manifestação de suas inteirezas: corporais, emocionais, psíquicas e espirituais. Passa ainda por gerar perspectivas de produtividade como parte do exercício e do crescimento dos potenciais inerentes àquela comunidade ou lugar. Com base na identificação do seu potencial, toda uma rede de fenômenos e ações pode advir.

Há movimentos importantes aflorando mundo afora, que esboçam iniciativas necessárias para desenharmos outros rumos possíveis para a sobrevivência humana. Lembrando aqui o que nos traz Jorge Ponciano Ribeiro:

A sustentabilidade do planeta passa por uma autêntica conversão do homem na sua relação com o planeta, porque não é o planeta que precisa ser salvo, é o homem que precisa ser salvo. O planeta não precisa ser salvo, pois ele, se deixado em paz, se conduz maravilhosamente. A autorregulação planetária é a lei fundamental da Terra e, neste sentido, a Terra precisa ser salva das garras desrespeitosas do homem, pois a dominação do homem sobre o homem passa, infelizmente, pelo desrespeito pela Terra, porque a Terra é usada pelo homem para dominar outro homem (RIBEIRO, 2009, p. 56).

Para essa conversão, essa cura, é necessário convocar um dos maiores dons que herdamos do processo evolutivo: o dom de amar. Dom, que de acordo com o olhar de Leonardo Boff (2000), surge da convergência evolucionária dessa imensa e diversa fraternidade terrena, e da qual depois de milhões de anos surgiu o ser humano, como resultado das experiências sábias de inter-retro-conexões, manifestando a capacidade de enternecer-se, de consciência reflexa, de amar, de responsabilidade, esta aqui considerada como a habilidade em oferecer uma resposta.

Significa a adoção de um olhar fundamentado em outro paradigma, outro modelo que traga uma base de valores éticos congruente com o significado raiz da palavra grega – *ethos* – que considera como valor as relações, costumes, virtudes e atitudes para com a nossa morada, compreendida aqui como toda manifestação presente.

Significa, já abordamos, que a consciência de pertencimento como um movimento evolucionário, não pode privilegiar uma espécie – a humana – mas a abertura para considerá-la como parte das relações ecossistêmicas – eco, do grego “*oikos*”, casa; e “*systema*”, aquilo que

permanece junto. Ou seja, a harmonia que se estabelece para que elementos ou partes diferentes e muitas vezes contrastantes coexistam.

A inclusão social se amplia para um novo *ethos*, e passa a ser uma atitude inter-relacional entre os diferentes sistemas que estruturam e mantêm a teia da vida, não apenas a sociedade humana, o ecossistema humano.

Como trouxemos anteriormente, há seres humanos na plena experiência desse *ethos*, vivendo nas florestas, como o indígena Ticuna, autor do poema que compartilho a seguir:

A nossa riqueza está na terra.
Na terra podemos formar nossas aldeias.
Podemos cultivar nossas roças.
Nos rios, igarapés e lagos podemos pescar.
Na floresta que cobre a nossa terra tem
caça, remédios, frutas.
Tem madeira para construir a casa.
E madeira para construir a canoa.
Tem materiais para fabricar
os objetos da casa,
os brinquedos e os enfeites,
as tintas para pintar.
Tem materiais para fazer a festa,
as máscaras e os instrumentos musicais,
para fazer música.
Da floresta vêm as histórias para contar
e os espíritos que ajudam a curar.
Nossa vida anda junto com a floresta. (ORGANIZAÇÃO GERAL DOS
PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES, 1997, p. 21).

Esse poema é a expressão transdisciplinar do que seja pertencer. Uma hermenêutica de seus versos evidencia, na simplicidade e na poesia, o significado de “con-viver”, viver junto, e reconhecer no território a potencialidade das fontes de experienciar o estar pleno na comunidade de vida.

O projeto de desenvolvermos uma consciência de pertencimento, na perspectiva de uma ética inclusiva e solidária de toda a Vida, enraíza-se no movimento contemporâneo da Ecopsicologia e da ecologia profunda, considerando os aspectos naturais e objetivos da realidade, tanto quanto os aspectos subjetivos e espirituais da vida. Essa visão que mergulha para além do que é perceptível aos cinco sentidos humanos cria novas interpretações da relação figura e fundo. Na abordagem da ecologia profunda, há o pressuposto da vida como figura, como um direito essencial que possui valor intrínseco. A vida é um bem maior, e, de fato, o ser humano até hoje não compreendeu a vida, estamos em gênese nesse processo. Estamos vivendo o que Fritjof Capra chamou de *alfabetização ecológica*, ao que devemos complementar com uma *pedagogia iniciática*. Uma pedagogia que nos “re-inicie”, que nos ressuscite de nós mesmos para outros níveis de realidade na qual o amor e a paz sejam figuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos alguns desafios para a experiência da consciência de pertencimento: aceitarmos a diversidade como um bem, não como uma ameaça, tanto nos aspectos exteriores como raça e expressões de cultura, entre outros, e naqueles mais subjetivos, como questões de gênero, escolhas sexuais, opção de credo e de práticas religiosas. A diversidade é um bem maior, é figura superando em tempo e espaço a presença humana, dos musgosinhos que crescem nas pedras às sibipirunas e sumaúmas das florestas, do pequeno lambari às baleias, dos seres humanos às estrelas. A vida no universo é a própria expressão da diversidade.

Iniciamos o presente artigo trazendo a água, e sua chegada triunfal no planalto central, como arauto de outros tempos de abundância.

Como elemento que integra e permeia toda a teia da vida, trago-a aqui novamente, como uma presença sagrada que, como as terras, os campos, a biodiversidade e mesmo a nossa própria espécie, clama pelo resgate de uma postura de reverência por parte dessa civilização. Uma mudança de visão. Uma nova ética. Podemos iniciar trazendo *a priori* uma mudança na forma de estabelecer o contato com ela, perguntando: *quem é a água?*

Na sociedade contemporânea, a água – manifestação primordial e essencial – esvaziou-se de seu sentido pleno e sagrado, transformada em uma representação desprovida de ancestralidade, de ser a própria memória do universo e da vida orgânica na Terra. Fragmentada e distanciada de sua realidade indissociável de berço e mantenedora da vida. Para focar o milagre integral da água, necessitamos de uma visão holística e de uma abordagem transdisciplinar da realidade.

No momento crucial em que a humanidade se percebe navegando em oceanos que se desvelam em novas e dramáticas paisagens, para não sucumbirmos na insustentabilidade e comprometermos a sobrevivência humana, necessitamos de um olhar integral. Um olhar que promova a convergência das tradições sapienciais e das descobertas das ciências de ponta, que traga novas visões sobre o *ethos* – a Terra, nossa casa comum – e engendre os pactos éticos que precisamos realizar para o desafio de reconstruirmos o projeto humano no jardim da Terra.

A água está intimamente interconectada com o direito à vida como um todo, e por extensão associa-se aos direitos humanos. Porém essa realidade foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas apenas há uma década, com a Resolução 64/A/RES/64/292 de 28 de julho de 2010, proclamando o acesso à água potável como um direito humano essencial e “condição para o gozo pleno da vida e dos demais direitos humanos”. Esse pressuposto remete-nos diretamente à compreensão dos direitos humanos em uma intrínseca relação de respeito e reverência à água, percebendo-a como realidade que integra os ecossistemas e toda a biodiversidade.

Percebe-se um movimento de expansão da consciência da natureza como sujeito de direitos. Na América Latina, países como Equador e Bolívia reformaram suas cartas constitucionais para proclamar “*los derechos de la naturaleza*”. Em 2008, a nova constituição

do Equador, no seu preâmbulo declara: “las raíces milenarias forjadas por mujeres y hombres de distintos pueblos, celebrando a la naturaleza, la Pacha Mama, de la que somos parte y que es vital para nuestra existencia”. E continua: “Una nueva forma de convivencia ciudadana, en diversidad y armonía con la naturaleza, para alcanzar el buen vivir, el *sumak kawsay*”. (MAMANI, 2015, p. 46). Na Bolívia, sua constituição política, promulgada em 2009, também estabelecem diretrizes e metas que orientam suas políticas para o *bien vivir*: “siempre velando por el equilibrio de la Pacha Mama” (MAMANI, 2015, p. 48). A constituição realiza um movimento ecocêntrico superando os pressupostos antropocêntricos, percebendo a natureza como a manifestação onde a vida nasce, se reproduz e se realiza, sendo portanto essencial que se respeite em suas múltiplas expressões.

Na inclusão da natureza como sujeito de direitos, grandes conquistas vêm se desvelando: no que diz respeito às águas, na Colômbia, por exemplo, o Rio Atrato foi reconhecido em 2016 como um sujeito biocultural de direitos pela corte constitucional colombiana, pautando sua decisão entre outros fundamentos, no enfoque dos direitos bioculturais entrelaçados entre a natureza, as águas e a espécie humana, reconhecendo que a dignidade humana depende do equilíbrio entre essas expressões. Para os povos originários no Brasil, as representações cosmológicas da água são profundas e estruturantes, como a do povo krenak para quem *a água é o milagre da vida*. Podemos ainda trazer a realidade do Rio Whanganui na Nova Zelândia, que se tornou o primeiro rio do mundo a ter legalmente seus direitos reconhecidos por intermédio das vozes de um representante da monarquia constitucional neozelandesa e de um membro da tribo maori. A alta corte do estado de Uttarakhand, no norte da Índia, decretou que o Rio Ganges e seus afluentes, assim como o Rio Yamuna, são considerados sujeitos de direitos. Na verdade a promulgação dessa lei de proteção do Ganges que o declara como um ente vivo e com prerrogativas de direito é o reconhecimento da necessidade de considerar uma forma distinta de governança que inclui a participação ampliada das comunidades.

No Pará, os povos munduruku, em Alter do Chão lutam contra a instalação de mais uma hidrelétrica, protegendo a floresta, sua ancestralidade sagrada das terras há décadas, para que não sejam inundadas. Recentemente os cientistas revelaram a existência do aquífero Alter do Chão, que se estende pelo Pará, Maranhão e vai até o estado do Ceará, representando um volume de 86 mil quilômetros cúbicos. São os saberes dos povos originários como vozes de resistência contra o que seria mais uma violência, avançando movimentos para uma ética de cuidado.

A água tem sido um elemento central de simbolismos espirituais, traduzida em rituais religiosos em diferentes culturas humanas por civilizações, significando o valor sagrado da vida. Podemos citar que na história da criação da Torá judaica e no livro do Gênesis, na Bíblia cristã, o espírito de Deus pairou sobre as águas e Deus disse “que as águas produzam multidões de

criaturas viventes” (Gn 1,2-20). No islã, a água é origem de toda a vida na Terra. Já no Alcorão (25:54), é dito que a água é a substância de base, da qual Deus criou o ser humano.

A percepção da água em sua centralidade e essencialidade carece de ser internalizada na sociedade contemporânea. A sua presença preciosa e fundamental, porque ela funda ontologicamente as condições para a vida, e que, como vimos anteriormente, é reverenciada nas culturas e nas diferentes cosmovisões e religiões, deve voltar a ser figura nas culturas e nas políticas públicas. É intolerável seguir aceitando as regras determinadas pelo sistema econômico, no qual ela é uma *coisa*, completamente dessacralizada.

O que assistimos é que os valores intrínsecos e essenciais da água para a existência na Terra foram sistematicamente desqualificados e coisificados, uma violência contra o próprio caminho de construção do inconsciente ecológico que nos habita a todos, fonte de patologias e mais uma face do comportamento *normótico*, esclarecendo na fala de Pierre Weil (2003, p. 18) o conceito de que a *normose* é a patologia da normalidade, definindo a *normose* como sendo uma anomalia da normalidade ou “conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de pessoas de uma determinada sociedade que levam a sofrimentos, doenças e mortes”. É nessa patologia que a sociedade contemporânea realiza as incoerências entre a graça da vida e do viver, e manifestam os comportamentos e padrões que geram todos os impactos que destroem a natureza e comprometem a existência da espécie humana.

É chegado o momento de fortalecer um movimento global de cidadania planetária pelas águas, para a conscientização e a formação de alianças, que poderão representar, na verdade, um ponto de mutação das relações entre seres humanos e a natureza como um todo.

A consciência desse bem, desse dom divino, desse direito, que é a água, vem sendo enunciado há centenas de anos pelos habitantes de Abya Yala – a terra do florescimento – nome que os povos originários davam às terras da América:

[...] os povos indígenas originários temos decidido que as comunidades devem impedir que os Estados comercializem a água por ser algo fundamental para a vida. Sua distribuição tampouco pode estar em mãos privadas, tem que estar nas mãos do Estado e da comunidade (MAMANI, 2010, p. 127).

As comunidades organizadas em movimentos de cidadania pelas águas ou por meio dos Comitês de Bacia Hidrográfica, que são o *parlamento das águas*, assim como instituições a Rede Ecumênica da Água (REDA) e outras instâncias de representação da sociedade, são as vozes que poderão trazer o clamor da *essencialidade e da centralidade da água* para as políticas públicas, restituindo-a à sua dignidade.

Na encíclica *Fratelli tutti*, o papa Francisco convoca nosso ser mais profundamente humano e mais profundamente espiritual, ao declarar: “A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para os

outros.” (FT 88). O momento convoca para a grande fraternidade que inclui todos os filhos e filhas da criação. Podemos sentir fortemente, a partir da filosofia de São Francisco de Assis, que a compreensão dos *outros* ultrapassa a percepção antropocêntrica do amor, do amar, expandindo-se para as manifestações de toda a natureza. Uma fraternidade vasta, aberta e inclusiva das florestas com seus habitantes, dos pássaros, jaguatiricas, dos rios e oceanos, dos peixes, golfinhos e das estrelas do mar.

No movimento da cura da humanidade para um futuro comum, poderemos florescer a partir de nós mesmos, ressignificando-nos como uma espécie que se perdeu de si mesma e se reencontrou contemplada no espelho da natureza. Resgatarmos a consciência de pertencimento e voltarmos a participar da dança da criação num ritmo e cadência integrados, num outro ponto da espiral evolucionária humana. Nessa ciranda, que incluirá toda a irmandade dos filhos e filhas da Terra, contemplarmos a força da vida se harmonizando, por ser vida. Assumimos ser um aspecto da teia da vida que honra sua jornada evolutiva. E, nesse processo, ter a graça de assistir a *cura* das águas do mundo, reverenciando e reconhecendo sua centralidade e essencialidade no complexo tecido das interdependências vitais de Gaia. Seguiremos, então, membros da vasta, complexa e sagrada cidadania planetária, espiralando numa esquina da constelação de Órion, expandindo-nos no processo histórico da Mãe Terra. ✨

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paulo F. C. (Org.). **Fé e política: fundamentos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.
- ALBUQUERQUE, Cristina de A. **Uma trilha gestáltica no campo da ecologia profunda: do xamanismo à Ecopsicologia**. 2008. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica na perspectiva da Gestalt Terapia) – Instituto de Gestalt Terapia, Brasília, 2008.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, Leonardo. Democracia ecológico-social. In: ANDRADE, Paulo F. C. (Org.). **Fé e política: fundamentos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004. p. 121-125.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCISCO. Carta encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social. **A Santa Sé**, 3 out. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 18 out. 2021.
- GUARANI M'BYÁ, Daniel I. **Sobre palavras e parentes**. Brasília, 2018.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- MAMANI, Fernando H. **Vivir bien, bien vivir**. La Paz: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas, 2010.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 1984.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NASR, Seyeed H. **O homem e a natureza**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

TICUNA. Vida junto com a floresta. In: ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGUES. **Ticuna: o livro das árvores**. Benjamin Constant: Gráfica e Editora Brasil, 1997. p. 70.

RIBEIRO, Jorge P. **Holismo, ecologia profunda e espiritualidade: uma configuração perfeita**. São Paulo: Summus, 2009.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SMUTS, Jan. **Holism and evolution**. Nova York: Highland, 1926.

TAGORE, Rabindranath. **Gitanjali**. Sumaré: Martin Claret, 2007.

WAHL, Daniel C. **Design de culturas regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2016.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz**. São Paulo: Gente, 1993.

WEIL, Pierre. Uma introdução ao conceito de normose. In: WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves. **Normose a patologia da normalidade**. Campinas: Verus, 2003. p. 22-26.

Recebido em: 19/10/2021.

Aceito em: 27/11/2021.